

ABANDONO / Internada na UTI, criança deixada pela mãe nas proximidades do Hospital Regional de Santa Maria recebe carinho dos funcionários da unidade e dos moradores da região. Ao menos 30 pessoas manifestaram interesse em criar a menina

Disputa para adotar bebê

» MARA PULJIZ

Médicos, enfermeiros, vigilantes e moradores de Santa Maria estão comovidos com a história de uma recém-nascida abandonada na última quinta-feira pela mãe, em uma área próxima a entulhos, na QR100 da cidade. Pelo menos 30 pessoas afirmam ter interesse em adotar a menina de cabelos pretos e pele negra. Prematuro de 28 semanas e pesando apenas 915 gramas, o bebê tem chance de sobreviver e, no Hospital Regional de Santa Maria (HRSM), todos estão engajados para salvar a criança. Maria Flor, como é chamada na unidade de saúde, está internada na UTI neonatal respirando com ajuda de um ventilador mecânico. Como não tem capacidade gástrica para se alimentar, todos os nutrientes são recebidos diretamente na veia. A pequena está sendo medicada com surfactante pulmonar, mistura constituída por lipídeos e proteínas que facilita a absorção de oxigênio pelo organismo.

Segundo o gerente administrativo do hospital, Ivan Rodrigues, 36 anos, a menina emocionou os profissionais de saúde. Entre os interessados em adotá-la, há três médicos — um deles é recém-casado e ainda não tem filhos. “Maria Flor é linda, vermelhinha e cabeluda. Não tem como olhar para ela e não se apaixonar”, disse. Amanhã à tarde, Rodrigues garante que irá procurar a seção de adoção da Vara da Infância e da Juventude (VIJ) para se cadastrar e entrar na fila para adotar a menina. “Já liguei para lá na sexta-feira e me disseram que era para eu esperar porque a mãe ainda pode aparecer. Mas o que essa mãe fez foi uma loucura, uma insanidade e não pode ficar com a neném. Vou lutar para que a Maria Flor seja minha filha”, disse, emocionado.

Kléber Lima/CB/D.A Press



O vigilante Luiz Carlos Alves da Silva, que recebeu o bebê na porta do hospital, quer levar a menina para casa

Rodrigues conta que muitos moradores da região têm ligado no hospital em busca de informações sobre o estado de saúde da criança. “Virou febre. A torcida é grande para que tudo dê certo. A história comoveu demais todo mundo”, afirmou. O diretor acredita ter condições de oferecer um lar seguro, repleto de amor e atenção à criança. “Minha mulher é assistente social e vamos organizar a vida para poder adotá-la. Tenho dois filhos, de 11 e 9 anos, que adoraram a ideia. Faremos da nossa casa o melhor lugar para ela viver”, garantiu.

Na lista dos pretendentes está ainda o vigilante Luiz Carlos Alves da Silva, 51 anos. Foi ele quem recebeu a criança das mãos de uma moça de 18 anos, que encontrou ouviu os gemidos da recém-nascida quando passava por uma rua próxima ao hospital. A mulher se depa-rou com a criança, que estava dentro de uma bolsa feminina,

ainda com o cordão umbilical, e correu até a guarita do HRSM, onde entregou a menina ao vigilante. Luiz Carlos é pai de três filhos, de 19, 21 e 29 anos. “Quando eu peguei ela no colo e vi que estava viva, corri para entregar aos médicos. Me emocionei demais”, contou ao Correio.

Investigação

A polícia ainda não tem pistas da mãe da criança. Investigadores da 33ª Delegacia de Polícia (Santa Maria) têm buscado informações nos hospitais públicos para saber se alguma mulher deu entrada com hemorragia ou infecção uterina. Gestantes que fizeram pré-natal, mas não finalizaram o acompanhamento, também serão monitoradas. Quem tiver qualquer informação, pode fazer uma denúncia anônima pelo Disque 197, da Polícia Civil.

Kléber Lima/CB/D.A Press



Minha mulher é assistente social e vamos organizar a vida para poder adotá-la. Tenho dois filhos, de 11 e 9 anos, que adoraram a ideia. Faremos da nossa casa o melhor lugar para ela viver”

Ivan Rodrigues,
gerente administrativo do
Hospital de Santa Maria

VIOLÊNCIA

Criança baleada com 4 tiros em Ceilândia

» MARA PULJIZ
» ANTONIO TEMÓTEO
» BRUNO SILVA

Quatro disparos de arma de fogo acertam um menino de 11 anos durante um tiroteio entre policiais militares à paisana e dois bandidos de alta periculosidade na QNM 7 de Ceilândia. João* foi atingido na cabeça, no tórax e nas pernas e, até o fechamento desta edição, permanecia internado em estado grave no Hospital de Base do Distrito Federal (HDBDF). A tragédia ocorreu por volta das 9h30 de ontem, após

os PMs, que andavam em uma viatura descaracterizada, abordarem os dois suspeitos que estavam sentados no meio fio. C. M. S. F, 35anos, e A. M. N, 33 perceberam a aproximação e, segundo a polícia, teriam atirado primeiro contra os investigadores, que revidaram. João, filho de C.M.S, brincava próximo do portão de casa e, na troca de tiros, acabou ferido.

Peritos do Instituto de Criminalística (IC) estiveram no local, mas ainda não é possível afirmar se os disparos que atingiram a criança partiram dos

George Gianni/Esp.CB/D.A Press



Policial vigia área analisada pela perícia: laudo fica pronto em 30 dias

policiais ou dos suspeitos. O laudo que esclarecerá as circunstâncias do incidente fica pronto em 30 dias. Após o confronto com os PMs, o pai de João tentou fugir pelo telhado da casa, mas acabou detido. A fez o mesmo e foi atingido por dois tiros, mas conseguiu fugir. “Pelo relato dos policiais

militares, ele estava sangrando muito e se não fosse atendido logo, com certeza perderia uns dois litros de sangue, o que é fatal”, contou o delegado-chefe da 15ª Delegacia de Polícia (Ceilândia), Yuri Fernandes. A.M.N tem nove passagens, sendo duas por assassinato, e outras sete por roubo e tráfico de dro-

gas. Ele cumpria pena em regime semiaberto.

Mais de 20 disparos

Ao todo, mais de 20 tiros foram disparados. Pelo menos dois deles atingiram o carro dos policiais, um Siena azul escuro. “Pela dinâmica, pelas marcas da bala e o ângulo, tudo indica que A. foi quem atingiu a criança, mas a perícia é que vai dizer”, ressaltou o delegado. O laudo que esclarecerá as circunstâncias do incidente ficará pronto em 30 dias.

Segundo o delegado, C.M.S.F teria visto o filho ensanguentado e desistido da fuga. Em seguida, ele jogou a arma no chão e foi preso. Amendrontados, os moradores da rua não quiseram comentar assunto. João foi levado ao Hospital Regional de Ceilândia (HRC) pelos próprios

policiais para que as balas que o atingiram fossem retiradas. Por volta das 14h40, o menino deu entrada no Hospital de Base, onde passou por uma tomografia para avaliar os riscos da retirada do projétil da cabeça. Segundo a mãe dele, a diarista O. G. S, ela foi informada de que não apenas quatro, mas 10 tiros atingiram o filho. Acompanhada de uma prima, marido dela e de uma amiga, O. parecia não acreditar no que tinha ocorrido. Na emergência do HDBDF, ela contou ao Correio que lavava o banheiro quando ouviu o barulho dos tiros. “Quando eu saí para ver o que tinha acontecido, vi meu filho caído ensanguentado no chão”, disse, emocionada.

***nome fictício em respeito ao Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)**



Crônica da Cidade

por Severino Francisco >> severinofrancisco.df@dabr.com.br

>> (cartas: SIG, Quadra 2, Lote 340 / CEP 70.610-901)

O filé cultural

Se alguém me perguntasse quem são os 10 mais admiráveis cidadãos brasileiros que conheço, eu apontaria, sem titubear, o baiano Luiz Amorim, proprietário do Açogue T-Bone, como um dos nomes a figurar na lista. Em Brasília, os poderosos costumam sugar a carótida da cidade como se fossem condes dráculas, sem doar absolutamente nada em troca. Nesse cenário, Amorim é um exemplo de consciência coletiva, sensibilidade social, generosidade e audácia.

Numa cidade em que se privatiza tudo, em que alguns se acham donos das avenidas, das calçadas, da orla do Lago, da noite e até do silêncio, ele vai na contramão e realiza projetos culturais verdadeiramente de qualidade, com acesso gratuito, demonstrando que popular não é (necessariamente) sinônimo de porcaria. Não é por acaso. Luiz se alfabetizou no açogue, lendo Aristóteles, Platão, Plotino e outros filósofos gregos, aprendendo que o homem é um animal político e que o lugar da democracia é a praça pública.

Ele está no lugar certo, pois os criadores de Brasília, Lucio Costa e Oscar Niemeyer, também pensavam assim, reservando amplos espaços para manifestações coletivas políticas, culturais e festivas, em escala monumental. Lucio não estava mais vivo quando surgiram as

Noites Culturais do T-Bone, mas ele escreveu sobre o Projeto Cabeças, em que os jovens ocupavam as superquadras com música, performances e arte, na década de 1980: “Enquanto os maiores, confinados nas suas monumentais redomas, brincam de administração e política, no ar livre das quadras das áreas de vizinhanças, esses bons samaritanos ensinam os usuários da cidade a vivê-la”.

As Noites Culturais do T-Bone são, em certo sentido, um desdobramento dos concertos do Projeto Cabeças. A diferença de Luiz Amorim é que ele transforma os sonhos em realidade rapidamente. E foi assim que, num típico impulso de nordestino delirante, idealizou e montou as bibliotecas populares nas paradas dos ônibus. Pela primeira vez, qualquer cidadão teve, efetivamente, acesso direto ao livro,

sem necessitar de qualquer burocracia. O processo é educativo, quem não devolve tem a clara consciência de que está praticando um crime contra a comunidade.

Luiz Amorim pensa grande e, por isso, a comunidade abraça os seus projetos. As Noites Culturais começaram como pequenos saraus, mas, agora, os shows reúnem de 8 a 10 mil pessoas na 312 Norte. Brasília clama por lazer gratuito, vida comunitária e cultura que leve o espírito. Os shows de músicos de ponta nas salas de espetáculo nobres da cidade custam de 300 reais para cima.

Claro que qualquer festinha ou festa, em casa ou na rua, altera a rotina e causa transtornos circunstanciais. E desconfo que, por morarmos em uma cidade organizada demais, nós, brasilienses, sofremos de uma síndrome do medo de qual-

quer alteração da rotina. Mas, como bem disse Luiz Amorim: receber Milton Nascimento na porta de casa é um luxo. Encantados com essas celebrações cívicas nas superquadras da capital do país, Tom Zé, Lenine, Milton Nascimento e outros que tocam nos melhores palcos do mundo estão se autoconvidando, generosamente, para tocar nas Noites Culturais do T-Bone.

Música não é sinônimo de barulho. Brasília não pode ser conhecida apenas pelos currais eleitorais e pela lama que eles espalham na imagem da cidade. Precisa ser reconhecida também como um lugar onde as pessoas amam a arte, a cultura, a inteligência e os lumes do espírito. Vamos apoiar o Luiz Amorim para que ele continue a nos oferecer os seus magníficos e democráticos filés filosóficos, literários, poéticos e musicais.